

Director, editor e proprietário  
**António Dias Pinto de Castro**  
—  
Redacção e Administração:  
Rua da Rainha, 56-A  
Telef. 4515

# Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão  
**TIP. IDEAL**  
Telef. 4581  
—  
VISADO PELA CENSURA  
— AVENÇA —

## A CAMINHO! A CAMINHO! A Peregrinação à Penha realiza-se no domingo próximo

Aquele grande edifício onde se encontram instalados os serviços dos C. T. T., está a pedir que lhe formem uma outra nobre fachada. O notável pintor e arquitecto suíço, Roquemont, que, aquando em Guimarães, o concebera, será ainda o inspirador dessa fachada pelo estilo arquitectónico marcado na sua obra. Resta, nesta emergência, que a Direcção dos Serviços dos Correios, Telégrafos e Telefones se decida a encarar a urgência dessa construção.

Em verdade, parece impossível esta obra, não apenas por que ela contribuirá para o embelezamento da artéria citadina, mas por que se impõe como necessária a estes serviços públicos.

E' já notória a extensão e importância dos serviços de encomendas postais em Guimarães. Sobreleva-se à própria capital do distrito.

O espaço reservado a esta secção, é por demais precário. A olhos vistos se observa como é acanhada e embaraçante a recolha e expedição das encomendas postais.

A obra, pois, que se preconiza, não é de modo algum uma obra de luxo exuberante. E' a necessidade, a conveniência dos serviços que a recomenda.

— Por que não se faz?  
Anda, é certo, no pensamento. Faz parte — oiço dizer — de um plano de reforma no edifício. Se é assim, seja-me lícito, sem impertinência, pôr a interrogação:

— Por que se não faz?  
Faz parte da actividade administrativa do Município o impulsionar a construção da referida fachada. Offícios hão sido expedidos, demarches se hão feito.

Hoje, como ontem, estes expedientes vêm de há muito sendo postos em equação. Falar aqui no mesmo problema, não é mais que dar continuidade, que oferecer ajuda, que estimular a execução desta obra.

Aquele pedaço de parede, restos da antiga porta Joanina denominada de S. Bento, não fala à arquitectura monumental da vetusta muralha do burgo. Sendo assim, impõe-se que desapareça, que se abata, erguendo em seu lugar uma nobre fachada. Com ela se promoverá um melhoramento, embelezando a cidade.

Com este objectivo, impõe-se que se insista junto dos C. T. T., para não protelar por mais tempo uma obra que lhes é necessária ao desengonçamento dos serviços.

Importa para este desiderato que se saia para fora dos meios estáticos, adoptando em troca meios activos — que é tratar o assunto junto da Direcção Geral.

Mais que as expressões mortas dos officios, despachados pela Secretaria, valem as actuações pessoais da Presidência.

Palpita-me, pelo que sei, não ter dificuldades a solução deste problema.

Na realidade, não há nenhum problema. Tudo está visto. O que resta é dar começo à obra.

— Por que não se faz?  
Importa começar por uma expropriação. Caminhar para

a aquisição da propriedade que ali se encontra.

Quer nesta tarefa uma ajuda a Direcção Geral?

A Câmara de Guimarães não lha recusará, indo até ao ponto em que essa cooperação não perca a característica de um bom acto de administração municipal. Tratando-se de ajustar essa cooperação com um organismo administrativo da importância dos C. T. T., é óbvio que nenhum óbice poderá ser levantado à sua efectivação.

Dito isto, — que não é senão o pensamento lógico e perfeito que gira à volta do assunto, — importa caminhar com decisão, saindo-se do ponto morto em que parece estarem soterrados os esforços de ontem e de hoje.

Os serviços autónomos dos C. T. T. não vivem — para bem de todos — em regime

A. L. DE CARVALHO.

Continua na 2.ª página



Um aspecto da Montanha

Realiza-se no próximo domingo e deve revestir grande imponência, a Peregrinação anual do Arcebispo Primaz e Bispo da Guarda, Rev.™s Senhores D. António Bento Martins Júnior e D. Domingos da Silva Gonçalves, havendo na Penha os costumados actos religiosos, tanto à chegada da Peregrinação como à tarde.

Devem tomar parte no grandioso préstito os venerandos Arcebispo Primaz e Bispo da Guarda, Rev.™s Senhores D. António Bento Martins Júnior e D. Domingos da Silva Gonçalves, havendo na Penha os costumados actos religiosos, tanto à chegada da Peregrinação como à tarde.

### DESPEDIDA ao sr. Leandro Martins

Segundo depois de amanhã, no vapor «Pátria», para Lourenço Marques, o nosso querido amigo sr. Leandro Martins Ribeiro, os seus colegas na Inspeção do Banco N. Ultramarino, tanto do Continente como das Ilhas, ofereceram-lhe, ontem, num restaurante de Lisboa, um almoço de despedida, manifestação esta que traduz bem a simpatia de todos pelo seu colega.

### Arraial Minhoto EM PONTE DO LIMA

Uma Comissão composta pelos srs. António Emílio de Abreu Dantas, Francisco Maia de Abreu Lima, Joaquim Ramon Mestre Crespo, José Nicolau Pinto Osório e Manuel de Sá Coutinho (Aurora) promove no próximo sábado, dia 10, em Ponte do Lima, um Arraial Minhoto com fins beneficentes, sendo a entrada por convites.

O arraial, para que recebemos um amável convite que nos cumpre agradecer, é abrilhantado por duas orquestras.

## Eu adoro a Penha

Eu adoro a Penha, Surpreendente e linda, De beleza e graça... De beleza infinda...

Eu adoro a Penha Das brancas nevadas, Ou do sol doirando Rubras madrugada...

Eu adoro a Penha Quando, manhã cedo, Trinam rouxinóis Sob o arvoredos...

Eu adoro a Penha De águas cristalinas, Correndo abundantes, Cortando as ravinas...

E depois, mais lentas, Deslizando meigas, Fecundando vales, Fecundando veigas...

Eu adoro a Penha Das AVE-MARIAS, Do ADEUS à VIRGEM, E das romarias...

Julho de 1955

Eu adoro a Penha, Quando um sol scaldante, Ao cair da tarde, Beija o céu distante...

No vasto horizonte De vagar submerge, E com raios d'ouro A MONTANHA asperge...

Um fuminho branco, Branco como a neve, Sob dos casais, Como incenso leve...

Minha Penha amada, Rudes penedias, Cavernais profundos, Doces harmonias...

Sois hino sublime, Em que a Natureza Ergue a Deus um canto De amor à Beleza...

Eu adoro a Penha Surpreendente e linda, De perene graça, De Beleza infinda!...

MENDES SIMÕES.

## Carta a uma Senhora

Minha Senhora:

Noticiaram alguns jornais que no Hospital da Misericórdia, desta cidade, uma pobre parturiente deu à luz 3 gémeos, que estão de boa saúde e que, felizmente, se encontram bem dispostos naquele ambiente de conforto e de carinho, onde os seus olhinhos apreciaram pela primeira vez a luz do dia, clarificada com o brilho do sol da Caridade.

De facto, minha Senhora, aquelas três criancinhas, duas do sexo feminino e uma do sexo masculino, já têm recebido o fruto bendito da generosidade humana, mas só mais tarde, quando souberem que esse fruto é abençoado por Deus, saberão compreender a gratidão que é devida a todas as pessoas que praticam reconhecidas acções de benevolência, quer ocorrendo inocentes na mais tenra idade, quer protegendo velhinhos que por doença ou por velhice se colocam numa situação de miséria.

Quantas vezes, minha Senhora, a impossibilidade de ganhar o pão nosso de cada dia lançaria no abismo da miséria tantas e tantas pessoas se não existisse a nobreza e beleza da Caridade! E se as criancinhas e os velhinhos, são dignos da sensibilidade do coração humano, outrotanto acontece com todas

as vítimas da adversidade, quando esta se torna impiedosa e intolerante, abrindo, por vezes, horizontes de aflitivas e angustiosas situações a quem, por qualquer fatalidade ou ocorrência na luz pela vida, se vê rodeado das mais torturantes privações.

Ainda recentemente, quando os «hóspedes» do Lar do Comércio visitaram esta cidade, onde foram recebidos com as honras devidas ao seu passado e ao seu presente, graças a um pequeno grupo de Vimaraneses que tomou tão condigna e tão cativante iniciativa, eu vi na projecção daquele cenário da mais arreigada e consoladora solidariedade humana a imagem radiosa da Caridade a cobrir com o seu manto protector aquele ninho de encantadora felicidade, chamado «Lar do Comércio»! Bem hajam, pois, as pessoas que constituem os seus Corpos Gerentes e, bem assim, a Comissão de propaganda e bem hajam, igualmente, todos os devotados benfeitores que contribuírem para a prosperidade daquele Apostolado da Caridade, verdadeiro padrão de glória do sentimento humano e cristão.

E agora, minha Senhora, que a Caridade é o assunto desta carta, peço-lhe que leia com a devida atenção as três quadras seguintes, de autor desconhecido e publicadas, além de outras, num modesto livrinho de leitura da 4.ª classe do ensino primário:

«Repara, desta maneira, Que a maior dor, mais sombria, E' não ter eira nem beira, Nem o pão de cada dia.

Caridade abençoada, Da nobreza eterno escudo, A vida sem ti é nada, A vida contigo é tudo.

Vamos, pois, corações nobres, Espalhar o bem e a luz, Dar abrigo e pão aos pobres, Tal como ensina Jesus!»

Eu não precisaria de falar a V. Ex.ª de exemplos de Caridade, porque, com certeza, pertence ao número das pessoas que praticam essa expressiva e simpática virtude, mas as minhas palavras são especialmente dirigidas às pessoas que desconhecem o amor do próximo e que, portanto, não reconhecem a Caridade como o símbolo mais majestoso de uma alma grande e sem mácula. São estas, infelizmente, as que vivem agarradas ao dinheiro como a hera à pedra brava, não se lembrando de que, quando morrerem, não levarão com elas o que deixarem de aplicar em Obras de Misericórdia.

Quantas vezes, minha Senhora, as lágrimas da desventura e da saudade humedecem os lábios de quem só com elas sente o conforto da felicidade!

Que Deus proteja, pois, todas as pessoas que matam a sede da Caridade com as lágrimas dos pobres!...

Setembro de 1955.

De V. Ex.ª cd.º ven.º e obg.º X.

Há coisas, às vezes bem pequenas, a que, por isso, não prestamos a atenção devida.

Colocamo-las em plano inteiramente secundário, quase as desprezamos.

Ainda não há muito tempo, neste mesmo Jornal, tive o ensejo de o afirmar, a propósito do Turismo, no qual, todavia, as pequenas coisas têm tanta importância como as grandes.

E poucos escaparão à regra, nela atentando apenas tarde e a más horas.

Há também o costume de dizer: «Não tenho jeito», para mascararmos uma falta de gosto, uma menor disposição de espírito, preguiça, enfim.

Quando se é estudante, justificam-se, então, por esse sistema, muitos insucessos escolares.

Que o diga eu próprio, que, embora correcto e cuidadoso no desenho geométrico, por exemplo, nunca me esforcei por obter o mais pequeno êxito no desenho à vista, previamente convencido de que para ele não tinha jeito algum.

Que haja mais jeito ou menos jeito, isto é, maior ou menor número de possibilidades, sensibilidade mais ou menos apurada, está certo, mas, afinal, com maior ou menor esforço também, todos nós conseguimos fazer aquilo que, as mais das vezes por ausência ou insuficiência da vontade, se nos afigura impossível.

Reconheci isso quando comecei a dedicar-me a estudos de arqueologia, de história e etnografia.

Quantas e quantas vezes tenho sacrificado esses estudos, por não saber, por não ser capaz de fazer um simples risco!...

Quantas vezes tenho de recorrer a outra pessoa, a uma pessoa estranha, para que me faça um desenho, para que me desenhe um simples pormenor, meia dúzia de traços apenas, em que a fotografia pouco auxílio me poderia prestar!

Vêm estas considerações a propósito de um livro que há anos se me deparou no Museu de Etnografia e História do Douro Litoral, no Porto, e que pertenceu ao distinto etnógrafo e meu bom amigo Arq. Emmanuel Ribeiro — livro que me pus a folhear, desde logo, com interesse crescente, com avidez, mas, ao mesmo tempo, com inveja, confesso.

Era o livro de um etnógrafo e de um artista.

Muitos dos apontamentos que qualquer de nós tomaria, escrevendo-os nas folhas de um livro, tomou-os ele desenhando-os.

Assim, ao percorrer as cento e tal páginas que esse livro encerra, acompanhámos em espírito o autor, nas deambulações que o mesmo fez por terras do nosso País, do norte ao sul, por terras da Madeira e dos Açores, para colher, em cada uma delas, tudo aquilo que mais interessava aos estudos de carácter etnográfico a que entusiasticamente se devotou, enquanto a saúde lhe permitiu.

Alguns dos desenhos encontram-se aguarelados e, junto deles, abundam as anotações a lápis ou a tinta, de interesse linguístico e histórico.

Nuns tantos, fazem-se até confrontos, arquivam-se pormenores, salientam-se semelhanças, e, assim, tal livro, que ao mesmo tempo constitui prova insuspeita de um esforço tenaz e de uma paixão sincera pelo estudo, reveste-se de capital importância para todo aquele que se dedique à investigação etnográfica.

Quanto a mim, que bastas vezes me desloco também com igual objectivo, é que nunca seria capaz — sinceramente o declaro — de elaborar um livro assim, pela circunstância de que, mau grado meu, não sei (e não sei por que não sei) fazer o mais simples desenho...

Não obstante, quando regresso a casa, depois de qualquer das minhas digressões histórico-etnográficas, acompanha-me larga cópia de apontamentos escritos e de clichés, mas... desenhos nem um!

Poderá fazer-se uma ideia do livro em questão, atentando na espécie de assuntos nele arquivados e que resumidamente vou referir.

Assim, não faltam ali as rocas e os fusos, de várias terras, e respectiva nomenclatura.

Interessando ao Autor, também, os trabalhos de vime e de verga, são múltiplos os modelos, que arquivou, de cestos, cestas, gigos, poceiros, balaios e balaios, teigas, bresos e bresas, açafates, condessas e canastras (de Santo Tirso, Trofa, Mogofores, Algarve, Alcanena, Cinfaes, Régua, Viseu, Viana, Vila do Conde, Torres Novas, etc.).

São em grande número os apontamentos sobre barris, barrileiras, pingoneiras, potes, púcaros, cântaros, panelas, pichéis e infusas (de Barcelos, Viana, Alentejo e de muitas outras partes).

Não faltam os manguais; exemplares múltiplos de rendas; diversos modelos de espantalhos; tras-fogueiros, e quanto mais!

A iconografia, sobretudo, do pão e do doce, é deveras notável; faz crescer a água na boca, como sói dizer-se, a variedade das espécies apontadas, capaz de produzir a mais grave das indigestões: ali aparecem os bolos de Sant'Ana e os passarinhos, de Coimbra; as maçarocas, os doces de ovos e de coco, dos Açores; os bolos de mel, da Ilha da Madeira; os corações, de Mogofores; os galos de pão doce, de Nive; os passarinhos de pão de trigo e as regueifas, do Porto; as queijadas, de Famalicão; os figos com amêndoa, do Algarve; o pão de Ul; os nogados e os biscoitos, de Évora; o pão escachado, de Bragança; as algibeiras de farinha tripa, de Ermeizide; as rosas de pão de trigo, sardões, as cangas e as vianinhas, de Viana do Castelo; o pão de ló de Nespereira; as cavacas, de Azeméis; o bolo de S. Bento, da Póvoa de Varzim...

Eis, em resumo, o que é o livro há anos oferecido ao Museu de Etnografia e História do Douro Litoral pelo Prof.-Arq. Emmanuel Ribeiro, livro que pode ser examinado, ali, por quem assim o deseje ou por quem pelo assunto verdadeiramente se interesse.

Porto, Agosto de 1955

BERTINO DACIANO.

## GAZETILHA

### VIAGENS À LUZ

Insatisfeito o homem não recua Nas descobertas mais inconcebíveis. Agora até já pensa em ir à Lua Com projectos que são mesmo risíveis.

E dão-nos pela carta essa viagem Que dela não podemos duvidar. Acaba-se de vez toda a miragem E quem sabe se o encanto do luar...

Já se fala também em plataformas Que serão necessárias pelo espaço Obedecendo a rigorosas normas.

Uma ânsia do infinito tudo anima E p'las contas que à vida eu já faço O mundo passa todo lá p'ra cima...

CHAN TUNG.

## O Cancro e o Tabaco

O nosso prezado colega Notícias de Basto noticiava há semanas:

«Está provado, pelos mais recentes inquéritos científicos, que a percentagem dos casos de cancro do pulmão aumenta, perigosamente, com o número de cigarros fumados.

Quem não fuma ou deixou de fumar tem 50 % menos o risco de contrair o cancro do pulmão. Esta revelação foi feita, há poucos dias, pela Sociedade Americana de Oncologia, perante 150 médicos reunidos em Atlantic City New Jersey, no decurso do congresso anual da American Medical Association. Esta conclusão, baseada num inquérito, que durou 32 meses, sobre 180.000 pessoas, reforça a teoria da existência duma relação de causa e efeito entre o tabaco e o cancro dos pulmões.

Já no ano passado, após um inquérito que envolveu, porém, um mais restrito número de pessoas a Sociedade Americana de Oncologia mostrou que a quantidade de mortes devidas ao cancro do pulmão ou às doenças do coração, eram mais elevadas no fumador do que no não-fumador. Este ano, os Drs. Horn e Harmonds, que dirigem a Sociedade

## Crónicas para maiores de 50 anos

## AVÉ IZILDINHA—O ANJO DO SENHOR!

## Câmara Municipal

## da cidade

## Boletim Elegante

## Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 5, os nossos bons amigos srs. Manuel de Oliveira Cosme e Alberto José Fernandes; no dia 7, mademoiselle Milia de Castro Guise, filha do nosso prezado amigo sr. Manuel de Sousa Guise, e os nossos prezados amigos srs. Alfredo Guimarães, ilustre director do Museu Alberto Sampaio, Alberto Maria Leite, José Machado Teixeira e Eduardo Pizarro de Almeida e o menino Alberto Carlos, filho do nosso amigo sr. Manuel Teixeira de Freitas; no dia 8, a sr.ª D. Fernanda Martins Ribeiro, esposa do nosso prezado amigo e digno inspector do Banco N. Ultramarino sr. Leandro Martins Ribeiro; o menino Jorge José, filho do nosso amigo e solícito correspondente em Vizela sr. José Luís de Almeida, e os nossos prezados amigos srs. Manuel Fernandes Porto, de Infias, e Manuel Fernandes; no dia 9, o nosso prezado amigo e distinto clínico sr. dr. C. Gomes dos Santos e a sr.ª D. Maria Fernanda Torcato Ribeiro F. Martins, esposa do nosso bom amigo sr. Albertino Faria Martins; no dia 10, os nossos prezados amigos srs. T. Mendes Simões, nosso distinto colaborador, e João Dias Pereira, de Lordelo; no dia 11, o nosso bom amigo sr. José da Silva Guimarães.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

## Partidas e chegadas

Regressaram a esta cidade, da Póvoa de Varzim, as famílias dos nossos prezados amigos srs. dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, Presidente da Câmara Municipal; José Mendes Ribeiro Júnior, dr. Manuel Jesus de Sousa, Joaquim Laranjeiro dos Reis, Alberto Laranjeiro dos Reis, Fernando Lage Jordão, Bernardino Alves Marinho, José Maria Machado Vaz, Manuel de Almeida Barreira, Joaquim da Silva Xavier, Manuel Vaz da Costa Marques, Francisco Vaz da Costa Marques, Artur Fernandes de Freitas, António José da Costa, António Ribeiro da Silva Xavier, Manuel Cardoso do Vale, dr. João A. Mota Prego de Faria, dr. Júlio Carlos Gomes dos Santos, José Machado Teixeira, dr. Alberto Rodrigues Milhão, Conselheiro Raúl Alves da Cunha, António Alves Martins, dr. Bonifim Martins Gomes e Silva, Casimiro Martins Fernandes, António U. Santos Simões, Alexandre Rodrigues de Figueiredo, Adelino Laranjeiro dos Reis, Armando Martins Ribeiro da Silva, Alcino Machado, José da Silva Maia, Manuel Alves de Oliveira, dr. Augusto Luciano Guimarães, Manuel Afonso, Constantino da Costa Lameiras, António da Silva Xavier, Visconde Viamonte da Silveira, Manuel Maria Mendes de Almeida, Fernando Gilberto de Sousa Pereira, Belmiro Mendes de Oliveira, António Alberto Pi-

## SESSÃO DE 1-IX-55

A Câmara deliberou, além do mais, o seguinte:

Mandar vistoriar as instalações sanitárias do Bairro de casas de renda económica, sito na Rua D. João I, junto ao Cruzeiro e uma corte de suínos, sita na rua que dá acesso ao estabelecimento termal da Vila de Vizela.

Mandar proceder, por administração directa, à reparação da E. M. n.º 153, na freguesia de Airão (Santa Maria).

Adquirir mobiliário e material didáctico para diversas escolas primárias.

Deferir o alinhamento do prédio pertencente a Amadeu C. Penafort & Filhos, sito na Avenida Eng.º Duarte Pacheco, desta cidade.

Conceder diversas licenças para obras de habitação.

Conceder alvará para um talho a instalar na freguesia de Fermentões e de 4 tabernas na cidade.

Abriu concurso público para a execução da obra de reparação e beneficiação da E. M. da Ponte de Serres à E. N. 310 (Pevidém) — 2.ª fase — pavimentação e obras diversas na extensão de 1.485 metros.

Adjudicar a Manuel Faria a obra de reparação das prateleiras do stand de frutas do Mercado Municipal.

Antecipar para as quartas-feiras as reuniões ordinárias, durante o mês corrente.

Autorizar pagamentos no montante de 61.191\$70.

## REUNIÃO DO CURSO DE 1910/1915

## do Liceu de Guimarães

Reunem, nesta cidade, hoje, em festa de confraternização, os alunos do Liceu de Guimarães do curso de 1910/1915, devendo presidir à reunião, conforme o desejo manifestado pelos promotores da festa, o Professor e Reitor de então, sr. José Luís de Pina.

## Banda de Revelhe

A reputada Banda de Revelhe (Fafe), que conta entre nós grande e justificado número de admiradores, vai realizar, nesta cidade e no Jardim Público, dentro de breves dias, um concerto, com escolhido programa, o qual é aguardado com bastante ansiedade.

## CAMPANHA DE EDUCAÇÃO DOS ADULTOS

No dia 16 a Missão Cultural do Teatro da Campanha Nacional de Educação dos Adultos, do Ministério da Educação Nacional, vem a esta cidade realizar um espectáculo no Teatro Jordão.

A entrada é feita por bilhetes que vão ser distribuídos especialmente aos alunos dos cursos que funcionam no Concelho.

## LAVRADORES INDUSTRIAIS PROPRIETÁRIOS

Reparem nos TUBOS GALVANIZADOS que se aplicam nas vossas instalações. Não os comprem de parede reduzida... Como somos os únicos importadores no Concelho, somos os únicos que podemos fazer bons preços.

## A Competidora de Representações, L.ª

RUA DA RAINHA N.º 115 — TELEF. 4525

175

...A escolha de um bom Frigorífico, significa o perfeito conhecimento prático de quem o adquire...

## - PHILIPS -

ESCOLHA V. Ex.ª entre os 15 modelos de Frigoríficos PHILIPS aquele que mais lhe convenha

5 ANOS DE GARANTIA

POR ESCUDOS

200\$00

250\$00

E

310\$00

MENSAIS

PODE ADQUIRIR UM

Frigorífico PHILIPS

DE 4, 4,5 e 7,5 PÉS CÚBICOS



AGENTE OFICIAL PHILIPS  
ANTÓNIO JOSÉ TRINDADE — Rua de St.º António, 53  
STAND EXPOSIÇÕES: R. DA RAINHA, 94 — GUIMARAES

## UM BOM AMIGO

por PEDRO NUNO

No largo da Estação em Guimarães, descendo a antiga Avenida Velha, a segunda residência, além da casa onde viveu e se finou IZILDINHA, era propriedade de António Salgado, figura muito estimada e benquista do lugar.

De cabelos cor de neve e o bigode de um branco esfumado devido ao uso constante do charuto, vivia este ilustre varão, solitariamente, na sua magnífica moradia, estando os serviços domésticos confiados a uma antiga criada, que morava no próprio e para os trabalhos de jardinagem e pomar, um profissional.

Era Salgado uma criatura de viver rigidamente solitário dentro do lar.

Não recebia visitas e muito menos se sabia algo relacionado em que determinada pessoa, ou amigo se houvesse sentado à sua mesa fazendo uma refeição em comum. Tinha um vasto pomar com as mais finas variedades e espécies de frutas, que eram tratadas com todo o cuidado e precaução. Geralmente mandava ao mercado a colheita que obtivesse e, quando não, a fruta se estragava nas árvores, não dando ou oferecendo nenhuma a quem quer que fosse.

A proteger as cercanias da sua propriedade, tinha colocado nas divisas, cerca com arame farpado e tabuletas amedrontando os rapazes afoitos em invadir o alheio, anunciando, umas RATOEIRAS DE FOGO, outras, RATOEIRAS DE DENTÊS, etc., as quais, inflando na mente da garotada, os atemorizava, pelo que não se atrevia jamais, a forçar tal reduto.

Tinha, ali, também, um bonito Jardim, em que predominavam as rosas, e tal qual o nosso grande Rui, dele cuidava, podando as flores, enxertando as espécies, umas nas outras, auxiliando na regação ou vigiando o serviço de adubação e outros cuidados necessários.

Possuía um grande cão branco que atendia pelo nome de «Tejo». Trazia-o de manhã cedo, a passeio, preso à corrente. Vinha durante o trajecto de sua casa, até ao restaurante fronteiro da Estação, onde fazia pousa para comprar a dosezinha de charutos para o dia e cumprimentar o seu «loiro», o papagaio da casa. Saudando e cumprimentando as pessoas de suas relações e conhecidas, quando passava pela casa de Aurélio, pai de Izildinha, fazia sua saudação habitual. A's vezes acontecia que ele e o cão, já na sala grande térrea, o animal, por instinto, confundia a perna de uma mesa com um poste, e tomava atitudes próprias da raça, alçando a perna. Antes que Aurélio reclamasse, e tendo notado com atraso o facto consumado, dá um puxão ao animal, pela corrente e vai dizendo: — Isto é dinheiro, Aurélio! e este por sua vez: — Não se incomode, Salgado, e que traga isso boa sorte, como diz.

Outras vezes encontrava D. Ana, mãe de Izildinha, na azáfama do governo da casa, e não poucas, a surpreendia desancando vergastadas nos filhos, por não se comportarem a contento e merecerem punição. Havia ocasiões em que as ripadas eram acentuadamente pesadas ou em número alto. Então os pequenos punham a boca no mundo, dando expansão às dores. Salgado chegava nesse momento e intervinha: — Não bata nos pequenos... São rapazes e essas peralices são próprias da idade. Antes traquinas e saudáveis, que quietinhos e doentes.

D. Ana alegava que os seus filhos eram por demais turbulentos e só batendo-lhes os podia coibir de praticarem brinquedos inconvenientes. E justificando sua atitude, concluía: — Eu, senhor Salgado, sou tal qual a galinha: enquanto pequeninos, é có-có-ró-có, quando grandes é picadela que te parto. Outras vezes, em momentos semelhantes retrucava: só se perdem as que caiem no chão.

## G R A Ç A S

Francisca Luzeni Alves de Lima, residente à rua Domingos Rodrigues, 540, estava doente e os médicos não descobriam a causa, pediu protecção a Izildinha e descobriram a doença e está completamente curada. — Marina Bonicio, residente à rua dos Alvarengas, 317, S. Bernardo do Campo, obteve a graça da cura de seu filho Marcos Roberto que estava com crúpe. — Matilde Ribas Morais, residente à rua Dr. Alberto Seabra, 298, S. Paulo, ficou curada de reumatismo que estava sem poder andar. — Maria de Moraes, residente em Santo Amaro, ficou curada de cólicas de fígado. — Sebastião Pereira, residente à rua Alberto Seabra, s/n, agradece a graça pela cura de sua filha que estava desenganada pelos médicos. — Josefa Silveira, residente à rua Cél. Botelho, 1-C, após seu pedido à Izildinha seu filho de 9 anos ficou curado de ataques. — Carmélia Caravage, residente à rua Guaranezia, 230, S. Paulo, obteve cura de seu vizinho que estava quase cego.

Na nossa Redacção e na Livraria L. Oliveira & C.ª pode ser adquirido pelo preço de 50\$00 o interessante livro da autoria de Pedro Nuno — IZILDINHA, O ANJO DO SENHOR — SUA VIDA — SEU AMBIENTE — SUA EPOCA — de 374 páginas e farta ilustração fotográfica, do qual pelo autor nos foi oferecido um lote com fins beneficentes. Destina-se todo o produto à Santa Casa da Misericórdia de Guimarães.

Quinzenalmente publicaremos as Crónicas, a quinta das quais se publica hoje, relacionadas com a Vida de IZILDINHA, que viveu e morreu em Guimarães, mas cujo corpo foi levado mais tarde para S. Paulo.



Salgado acabava rindo das alegações, despedia-se e ia completar o seu habitual passeio. Quando na hora de refeição na casa de Aurélio, em que estava a mesa completa, com o casal e sete filhos, e que o prato principal era a bacalhoadada, ia saudando a todos e dizendo: — Isso é um patrão! É um patrão!...

Era-lhe oferecido sentar-se à mesa e fazer parte da refeição, ao que sempre se recusava e agradecia. Izildinha gostava muito do «Tejo», e sempre que lhe pudesse dar um acepipe (um osso sem carne) lho jogava ou dava na mão, observando, contente, a satisfação do animal.

António Salgado tinha particular atenção e deferência por Izildinha, a ponto de abrir-se em generosidades de toda a ordem. Assim, a cada passo quando o pomar em produção, trazia-lhe um cacho de uvas de uma das vezes, de outras, duas peras, duas maçãs ou frutos diversos. Mas ao gesto de dar, ia recomendando: — São para ti, Izildinha, não des a ninguém. Izildinha ficava muito reconhecida ao doador e, agradecendo, ao mesmo tempo dizia: — Não se esteja incomodando comigo, senhor Salgado. O senhor sempre tão bonzinho para mim, mais que lhe mereço. — Sua tolinha... faço isso porque gesto muito de ti e quero que fiques boazinha para um dia levar-te ao Brasil, onde estive por muitos anos, e fiz a minha independência e é país que muito quero. Vamos dar um grande passeio e voltarás de lá forte, sãdia e ainda mais linda do que és. — Seria bom tudo isso senhor Salgado, mas tal não se dará. Reconheço quanto é meu amigoinho e creia, sinceramente, que lhe sou muito dedicada.

O facto de presentear a cada passo a menina, com frutas e acarinhando-a sempre, bem diz o quanto lhe era querida.

Quando se finou Izildinha, Salgado foi uma figura permanente ao lado do seu adorado corpinho enquanto este esteve em casa exposto até partir para sua última morada. Compungido pela perda de sua pupila, seus olhos se humedeciam e não raro, grossas lágrimas se projectavam rosto abaixo.

Muitas flores de seu jardim trouxe para a menina. Um ramo das mais lindas rosas colocou dentro do seu envólucro. Ali, em contacto com seu corpo permaneceram durante 39 anos ao fim dos quais, quando se procedeu pela primeira vez ao levantamento do mesmo, da terra que o acolheu e o abrigou por tão longo tempo, essas belidades da natureza se achavam no seu viçoso frescor, como no dia que ali foram dispostas.

Teve Izildinha, em António Salgado, um dos seus grandes amigos.

X

Vou encaixar esta crónica no meio da série que ia levando para aproveitar uma oportunidade e também não falhar a menção de um acontecimento do qual já poucos se lembrarão, e poderia esquecer-me.

A oportunidade é a do aparecimento do relógio de S. Pedro com novo aspecto, remoçado por «cirurgia plástica», como agora se pratica nas faces humanas, e apresentável e compreensível mesmo para o mais bronco analfabeto, faltando-lhe apenas a modificação dos quartos de hora que, sendo muito bairristas, são intraduzíveis para estranhos.

O que poderia esquecer foi o que sucedeu ao relógio da Oliveira há coisa de uns quarenta e tal anos na gerência da primeira vereação republicana, a do sr. Teixeira de Abreu, se não estou enganado.

Por altura de 1911 houve uma convenção internacional para a adopção da hora mundial, de modo que toda a contagem do tempo se referisse ao mesmo meridiano e as horas mencionadas desde Zero a 24, isto para uso oficial.

Portugal aderiu a essa convenção, meteu-se no «fuso» de 15 graus que lhe competia em relação ao de Greenwich, que era o Zero de origem da contagem, adiantou os relógios uns 30 minutos sobre a hora solar, e decretou o novo horário.

Foi uma confusão dos diábolos e durante um certo período ninguém se entendia com a «hora nova»; às 14 horas eram as 4; às 7 da tarde, chamavam 17, dando em resultado algumas perdas de combóios ou chegarem à estação do C. F. com duas horas de avanço, só por não reflectirem em que tinham de acrescentar ou diminuir 12 horas às da tarde, e isto para o caminho de ferro, que então era o único meio de transporte acelerado e com horário já organizado pela nova designação.

Os relojoeiros apressaram-se a actualizar os mostradores dos relógios inscrevendo numa circunferência interior à das horas habituais as de 13 a 24, com números a vermelho; até aparecerem com os 24 segundos, o que demandava novo maquinismo.

Ainda há-de haver quem possua desses relógios que dispensavam aborrecidos cálculos de — 21 menos 12 dá 9 da noite, ou 14 menos 12 dá 2 da tarde — enfim, uma barafunda que, nestes tempos cronometrados, sujeitos a horários cumpridos quase rigorosamente, dariam origem a tantas trapalhadas, que seria necessário um período de preparação, que agora se adopta para as inovações e que naquele tempo, ou não se pôs em prática, ou o foi por espaço reduzido.

A verdade é que no trato comum e familiar continua a dizer-se — 4 da tarde e 9 da noite — e só oficialmente é que mencionam as «horas novas», que toda a gente interpreta correctamente, depois de quarenta e tantos anos de exercício.

Ora a Câmara de Guimarães desejando ser útil aos seus concidadãos neste arrelheiro problema resolveu pôr o relógio da Oliveira, que era então o oficial, a dar as horas pela nova contagem e chamou um relojoeiro para modificar os maquinismos de modo a dar até 24 horas.

Foi um sucesso, principalmente na noite da inauguração e nas que se seguiram durante um certo período, em que havia quem esperasse pelas horas adiantadas da noite para contar 22, 23 e 24 badaladas.

Mas chegou-se à conclusão de que era muito mais maçoador, no meio da noite, estar a contar além das 12 badaladas para se saber que hora era das que habitualmente se designavam.

A intenção era boa, mas a verdade é que a contagem anterior era mais simples, principalmente depois do pôr do sol.

Além de que o maquinismo de vez em quando se desarranjava e para isso havia o «Doutrinhas», relojoeiro com oficina no Largo da Oliveira, que acudia prontamente para o pôr no seu lugar.

E sucedeu certa noite de verão que as molas do relógio não o travaram na altura precisa e o sino do relógio desatou a badalar, talvez pelas 22, a badalar além da marca, tanto que chamou a atenção da gente das redondezas que acudiu ao Largo da Oliveira, e o nosso grupo, cujo Quartel General era

na loja do Barbosa, da rua da Rainha, também compareceu para presenciar o espectáculo.

A garotada das cercanias, do Campo da Feira, da Feira do Pão, de Santa Luzia, correu alvbroçada a juntar-se ao alarido da contagem em coro das horas que iam caindo da torre, já no número das centenas — quatrocentas... quinhentas... — tudo acompanhado de berros pelo relojoeiro — ó Doutrinas, ó Doutrinas —.

O desgraçado do Doutrinas, que tinha a chave do relógio, tinha ido por azar dar um passeio, talvez para a Fonte Santa, e só chegou esbafoado quando a contagem, entre gritaria e gargalhadas, ia talvez nas oitocentas e tal badaladas, e foi recebido com uma verdadeira ovação, e correu à torre para pôr fim àquele gasto de tempo.

Assim, o Doutrinas nos fez passar, aos daquele tempo, essas 800 horas, que são 33 dias e tal, no espaço de uma, tempo que vivemos sem canseiras nem transtornos e na melhor disposição.

Mas esse acontecimento não ficou por aí e a Academia resolveu solenizá-lo.

Convidou então um grupo de «sábios russos» que viessem estudar o fenómeno, e foi esperá-lo à estação do C. F. com uma deputação de estudantes e a restante Academia, que lhes fizeram uma calorosa recepção, e num brilhante cortejo a pé, que os automóveis ainda eram raros, atravessou a cidade a caminho do Largo da Oliveira.

Ali montou um óculo de marinha, num tripé, dirigido para o relógio e, depois de várias observações, o Director da Missão, o «sábio dr. Doutrinoff», que era o Aprígio das Neves de Castro, proferiu um discurso tendo como tema o resultado dos «estudos» efectuados, elogiando o seu «colega» de Guimarães — o Doutrinas — pela perfeição dos maquinismos.

Não estava em Guimarães quando se realizou este memorável «Congresso Científico», no tempo em que havia ainda espírito e graça, e cito-o por mo terem contado, mencionando-me como «sábios» componentes da Missão, além do Aprígio e outros, o Joaquim Novais Teixeira, dr. Mário Dias P. de Castro e o dr. Ferreira da Cunha, rapazes de então, e que certamente acolherão com um melancólico sorriso esta desprezível crónica.

Juazeiros — Felgueiras, 21 de Agosto de 1955. Continua

A. DE QUADROS FLORES.

A Caminho!  
A Caminho!

(Continuação da 1.ª página)

de pobreza franciscana. Qualquer coisa que façam em prol da cidade de Guimarães, a cidade lhe há retribuído, antecipadamente, esse benefício.

Ora, pois, entendam-se as duas partes: os Correios e a Câmara.

Senhor Presidente: Vá à capital. Bata à porta da Direcção Geral dos C. T. T. Fale-lhe aquela linguagem formal — que converte, não agrava e decide.

A palavra é verbo criador. Desperta emulações. Abre o caminho à acção.

Guimarães que não tem, como tantas vilinhas portuguesas, um edifício novo, antes um edifício adaptado, onde actualmente se apertam os serviços dos C. T. T., requer, pela importância destacante do movimento desses serviços, que se amplie o edifício.

Para isso, repito, impõe-se que o sr. Presidente da Câmara vá a Lisboa, no bom propósito de ganhar esta batalha... de gabinete.

Parece-nos que o momento é oportuno, como oportuno é recordar a verdade do velho axioma:

Quem quer — vai.

Quem não quer — manda.

Vá, pois, sr. Presidente a Lisboa!

Lê-se no meu último artigo — Uma efeméride a destacar — Bráulio Caldas, autor da Arqueologia Cristã. É evidente que se trata de erro de citação. A obra referida foi escrita por Albano Belino, e não pelo excelso Poeta vizelense. As circunstâncias em que são escritos estes artigos, a voz de asa e sem revisão do autor, de certo modo justificam estes precalços desagradáveis.

## Use Gazcidla

Americana de Oncologia, deram algumas cifras: estudando as causas da morte de 8.105 pessoas, eles podem agora afirmar que a percentagem de mortalidade devida ao cancro do pulmão aumentava com o número de cigarros fumados. Esta percentagem, estabelecida sobre 100.000 pessoas, é de 33 para os não-fumadores, de 217 para os que fumam menos de dez cigarros por dia, de 312 para os que fumam de dez a vinte cigarros por dia, de 430 para os que fumam de vinte a quarenta, e de 734 para os que vão além de quarenta cigarros por dia.

# D. Maria Joaquina Pinto Dias de Castro

## AGRADECIMENTO

Seus filhos, netos, noras, genro e mais família, na impossibilidade de agradecerem, directamente, a todas as pessoas e instituições que os acompanharam no luto, que tão dolorosamente os feriu, vêm expressar, por este modo o seu profundo reconhecimento a quantos souberam manifestar-lhes a sua simpatia, dando-lhes bem precioso conforto moral.

Guimarães, 22 de Agosto de 1955.

Mário Dias Pinto de Castro, sua mulher, filhos, noras e genros  
João Dias Pinto de Castro e sua mulher  
Agostinho Dias Pinto de Castro, sua mulher, filhos, noras e genros  
Francisco Dias Pinto de Castro e sua mulher  
Maria Madalena Dias Pinto de Castro  
Antonino Dias Pinto de Castro, sua mulher e filhos  
e João Mendes Fernandes, suas filhas e genros.

menta Machado, Fernando da Costa Setas, dr. Alberto Pita da Costa, Juiz de Direito em Ovar; Alberto Augusto Pinheiro, dr. Sebastião Lobo Cardoso de Menezes (Paço Nespereira), João Teixeira, Casimiro Martins Fernandes e dr. Gaspar Gomes Alves.

Também regressou da mesma Praia o nosso prezado amigo sr. Arnaldo de Sousa Guise.

— Regressaram também a esta cidade, da Figueira da Foz, os nossos bons amigos srs. João Carvalho Guimarães Júnior e David Garcia e suas famílias; de Espinho, os nossos bons amigos srs. Fernando Cintra Penafort, António d'Assunção Neves, João Dias de Castro, Antero H. Silva e Vasco Leão Fernandes e famílias; de Mondariz, os nossos bons amigos srs. António Ferra e João Alves da Silva Lobo; de Espinho a Felgueiras, os nossos bons amigos srs. dr. Francisco Moreira Sampaio e dr. Alberto Manuel de Campos Moreira Sampaio e suas famílias; das Taipas, o nosso bom amigo sr. Francisco Ribeiro de Castro e família; de Melgaço, o nosso prezado amigo sr. dr. Augusto Ferreira da Cunha e esposa; da Curia, o nosso bom amigo sr. João André; da Apúlia, o nosso prezado amigo sr. Eng.º Helder R. Lemos Rocha e família; das Pedras Salgadas, o nosso prezado amigo sr. dr. Alvaro Carvalho; de Ancora, o nosso bom amigo sr. Manuel Paulino Ferreira Leite e sua família; de Ancora a Monção, o nosso prezado amigo sr. dr. António Baptista Felgueiras, Presidente da Câmara daquele concelho; das Pedras Salgadas a Covas, com sua esposa, o nosso bom amigo sr. Vital Marques Rodrigues; de Cadelas a Covas, o nosso bom amigo sr. Agostinho da Silva Areias; de Antime, Fafe, o nosso bom amigo sr. Francisco José Ferreira de Oliveira; de Vila do Conde, com sua esposa, o nosso bom amigo sr. Eng.º Eleutério Martins Fernandes; de Espinho, com sua família, o nosso bom amigo sr. Oscar Avelino Pires; de Fão, com suas famílias, os nossos prezados amigos srs. Domingos Mendes Fernandes e José Pinto de Almeida; de Espinho ao Porto, com sua família, o nosso prezado amigo sr. Miguel Ribeiro Oliveira Ramos; da Praia de Anjeiras a Castelo da Maia, o nosso prezado amigo sr. Guilherme Pinto e sua família; da Póvoa de Varzim a Vizela, o nosso bom amigo sr. António de Sousa Oliveira e sua família.

— Partiram com suas famílias, para a Póvoa de Varzim, os nossos prezados amigos srs. António Faria Martins, José de Oliveira, Henrique Pires, Abílio Gonçalves, Albino Fernandes, António José Trindade, Eduardo Lage Jordão, Augusto de Aguiar, Armindo Maria Fernandes, Alberto Gomes Alves, Mário Gomes Alves, António Teixeira de Sousa, dr. Júlio Soares Leite, Fernando Figueiredo, António da Silva e Castro, Jaime José Fernandes, Jacinto Teixeira, Francisco Belino Pereira Mendes, Joaquim Pereira Soares, dr. Carlos Saraiva, Manuel da Silva Ferreira, João Pedro de Sousa Guise, José de Freitas, David Martins Júnior, Benjamim de Matos, Alberto Neves de Castro, Herculano Dias de Castro Queiroz Joaquim Pereira da Cunha, João R. Teixeira Sepulveda, Manuel da Silva Correia Natal, António Ferreira de Melo, José de Sousa Neves, Simão R. de Almeida, Arolino Ferreira Alves e Manuel Martins Ribeiro da Silva e as srs. D. Emília, D. Vitória e D. Maria de Lourdes de Sousa Guise e D. Augusta Maciel de Sousa.

— Com sua família partiu para Nive (Famalicão) o nosso prezado colaborador e amigo sr. professor J. Martins de Lima.

— Partiu para o Luso o nosso prezado amigo sr. Francisco Pereira da Silva Quintas.

— Com sua família partiu para a Figueira da Foz o nosso bom amigo sr. Alexandre da Costa Rodrigues.

— Com sua esposa partiu para o Cíerz o nosso bom amigo sr. José Luis Pires.

— Com sua família partiu de Ribadave para a Póvoa de Varzim o nosso bom amigo sr. Manuel Fernandes da Silva.

— Com sua família tem estado a veranejar em Vizela o nosso prezado amigo sr. Eng.º José Matos Cardoso.

— Partiu com sua família para Leça da Palmeira o nosso bom amigo sr. Arnaldo Poças Falcão.

— Da Póvoa de Varzim regressou a Lisboa o nosso prezado amigo e ilustre Poeta sr. dr. Américo Durão.

— Tem estado a veranejar na sua Casa da Mogada, nas Taipas, a sr.ª D. Margarida Carvalho Crato.

— Com sua família encontra-se em Tenões, Braga, o nosso prezado amigo sr. dr. João F. de Freitas.

— Encontra-se com sua família nas suas propriedades em S. Torcato, o nosso prezado amigo sr. António Maria Baldaque de Oliveira Lobo.

— Partiu para Vila Pouca d'Aguiar, a passar uma temporada, o nosso prezado amigo sr. António Emílio da Costa Ribeiro.

— Da Figueira da Foz regressou, retomando a advocacia, o sr. dr. Brochado Teixeira, distinto advogado.

— Partiu com sua família para Leça do Baio a sr.ª dr.ª D. Virgínia Ferrão.

— Com sua esposa está nesta cidade o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Eng.º Fernando A. Flores de Matos.

— Com sua família partiu para Vila Pouca d'Aguiar o nosso bom amigo sr. Fernando Lage Jordão.

### Doentes

Em Fafe, tem passado doente a sr.ª D. Maria das Dores Pinto Soares, esposa do distinto clínico na quebra Vila e nosso bom amigo sr. dr. José Maria de Campos Soares.

— O nosso prezado amigo sr. Alfredo Lopes Correia, conceituado industrial do Pevidém, que há tempos deu uma queda de que resultou a fractura de um pé, vai agora, felizmente, a caminho de completo restabelecimento, com o que muito folgamos.

— Tem passado bastante incomodado o nosso prezado amigo sr. P.º António da Costa Pereira Guimarães.

— Continua doente o também nosso prezado amigo sr. P.º António Teixeira de Carvalho.

Desejamos o breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

### Nascimento

Deu à luz uma menina, a sr.ª D. Ludovina Mendes Fernandes Rodrigues, esposa do nosso amigo sr. Manuel Rodrigues, proprietário da Confeitaria Vimaranesense. Mãe e filha estão bem. Parabéns.

### Falec. e Sufrágios

#### António Martins Gonçalves

Faleceu, nesta cidade, onde se encontrava acidentalmente, o sr. António Martins Gonçalves, viúvo, professor oficial, pai das srs.ªs D. Maria Aldina, D. Maria Elisete e D. Maria Judit Dantas Gonçalves e dos srs. Fernando, José e Nelson Dantas Gonçalves; sogro das srs.ªs D. Maria Celina Marques Pinto Malheiro Dantas Gonçalves, D. Maria Estela Pereira de Moura Dantas Gonçalves e D. Felicidade Ribeiro Guimarães Dantas Gonçalves; irmão da sr.ª D. Maria da Conceição Martins Gonçalves, e cunhado dos srs. António Luís e Salvador Maria de Araújo Dantas, tendo-se efectuado o funeral na 4.ª-feira, da igreja de S. Sebastião para o cemitério Municipal.

Os nossos pésames à família dorida.

#### Alexandrino Pereira da Costa Guimarães

Contando 71 anos e confortado com todos os Sacramentos, finou-se, na 4.ª-feira, na sua residência ao Largo Conselheiro João Franco, o comerciante sr. Alexandrino Pereira da Costa Guimarães, sócio da Casa Manuel Pinheiro Guimarães & C.ª.

O extinto era casado com a sr.ª D. Mafalda Mendes de Almeida Guimarães, pai do sr. Manuel José Mendes da Costa Guimarães, funcionário da Secção de Finanças, casado com a sr.ª D. Maria Madalena Cardoso Guimarães, e da sr.ª D. Ana Maria Mendes da Costa Guimarães e Castro, casada com o sr. Horácio Teixeira da Silva e Castro, funcionário da Direcção Geral das Contribuições e Impostos, e padrastrão do sr. Luís Mendes Lopes Cardoso, ausente em Africa, casado com a sr.ª D. Maria do Carmo Cardoso Rodrigues.

Desempenhou diversos cargos em corporações religiosas de Guimarães.

O seu funeral, que esteve bastante concorrido, efectuou-se na 5.ª-feira, às 11 horas, da igreja da Misericórdia para o cemitério Municipal.

Os nossos pésames à família dorida.

### De luto

Pelo falecimento de um seu cunhado, ocorrido na Póvoa de Lanhoso, guardam luto os nossos prezados amigos srs. P.º José Carlos Simões d'Almeida, ilustre Director do Internato Municipal e Manuel da Costa Pedrosa, aos quais apresentamos condolências.

### Vida Católica

#### Nossa S.ª da Misericórdia e Piedade

Estas Irmandades, erectas na antiga igreja de S. Domingos, mandam celebrar no próximo dia 8, pelas 8 horas, uma Missa estatutária em honra das suas Padroeiras e na igreja da Misericórdia, servindo de paróquia de S. Paio.

### Diversas Notícias

#### Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Henrique Gomes, à R. da Rainha, Telef. 4146.

## CURIOSIDADES E VELHARIAS

Belo trecho de uma obra prima do grande génio alemão Goethe, é o que se pode saborear de pág. 7018 a 7036 da Biblioteca. Dizendo que o trecho leva por título: *Carlota e Werther*, já o sisudo e erudito leitor sabe do que se trata.

Mas o autor do *Werther* merece mais alguma coisa; e aí vem José Enrique Rodó, uruguaiano, a analisar o seu espírito, e Lewes, inglês, a entrar na vida particular e por vezes sentimental e arisca do incomparável poeta e escritor alemão. A Bettina Brentano, é claro, não podia deixar de entrar em cena; não só se fala dela, mas ela mesma fala e escreve, e a pág. 7044 lá vem uma sua carta deveras significativa e concludente.

Cenas mais emocionantes seguem a estas, as do célebre romance *Paulo e Virginia*. Eu já fiz um grande delito literário, quando traduzi isso para um livreiro do Porto; tive de mondá-lo da imundície, o que não era fácil, mas peço perdão ao autor e... aos leitores e leitoras...

No *Idílio*, do brasileiro Visconde de Taunay, é que eu não descortino senão despropósitos, arretamentos e ciancices. Muito cega a paixão a certos escritores sem dignidade nem consciência.

Depois de uma ode do nos-Filinto Elísio e de poucas linhas de Goethe, traduzidas por Eugénio de Castro, eis-nos a contarmos com outro grande poeta alemão, o sr. João Cristóvão Frederico Schiller. Com requintes de paciência logrei levar até ao fim a leitura da *Aventura singular*. Bem singular e macabra ela era, essa escrita de Schiller.

Segue-se um trecho da *Morgadilha de Valstor*, de Pinheiro Chagas. Lindo e emocionante, não haja dúvida.

Seja benvindo o autor do imortal poema épico *O Messias*. Temos aqui um excerto desse poema sob o título: *Abaddon e Adramelec*, que pelo nome não percam. São coisas lindas, mas altas; e nós, os pigmeus, não podemos apreciá-las devidamente.

O mesmo direi do trecho seguinte, *Spero Dracos*, de Alberto de Oliveira. Estes senhores não sabem escrever duas linhas, sem meter nelas uma mulher impudica e desbragada. E' sestro velho. A limpeza e a moralidade não são senhoras do seu conhecimento e convívência...

O escrito do dr. Júlio Dantas, que vem a seguir, não é para nós homens correctos e apurados do século XX.

A *Canção de Mignon*, de Goethe, vertida pelo brasileiro João Ribeiro, ocupa apenas uma página, a 7108.

Tristes páginas nos descreve aqui Mon. Burton Harrison. E' um trecho arrancado ao seu livro *Um filho do antigo domínio*, e que leva por título: *Um encontro com os índios*. E' uma descrição viva e animada das cruentas guerras que se travavam em pleno sertão entre os arborígenes e os guerreiros colonizadores. Claro que aqueles, estando no que sempre tinham usufruído, não só matavam quem tentasse despossá-los da velha regalia, mas iam ao extremo de torturar bárbaramente e de queimar vivos os colonizadores que cassem prisioneiros. Era fatal!

Por isso chamei tristes estas páginas. Tristes são e salpicadas de sangue. Mas hoje fazem a mesma coisa os arautos da ideia nova, embora ninguém se atreva a apodá-los de selvagens!... Quem responderá por tanto sangue no dia do Juízo?

Para compensar, vem logo a *Canção do Moço Montanhês*, do lírico alemão Uhland. São cinco estrofes: mas que interessantes, que sugestivas, que lindas!

Não gasto tinta com as proclamações de Henry James no seu *Romance de uns velhos vestidos*. Ministra a pílula do veneno mesmo sem a doirar...

O *Canto do Sino*, de Schiller, esse sim, que enche as medidas dos mais exigentes. O eminente poeta descreve nesse incomparável trecho a fundição do sino. E logo diz na 1.ª estrofe:

Se deve a obra ao mestre honrar,  
E' o céu que a vem fadar.

E o fundidor vai dizendo:

O' Sino que ora vamos nesta cova  
Com auxílio do fogo excutar,  
Lá da torre no erguido campanário  
Nosso esforço há-de attisono atestar,  
Por largas eras a reboar fremente,  
Comovidas, na terra, as multidões,  
Hão-de ouvi-lo gemer com os aflitos,  
E dos fiéis unir-se às orações.  
Tudo quanto na terra à criatura  
Agita de prazer, ou dor atroz,  
Repercuta no sino, e o sino espalha  
Em sonora, eloquente e clara voz.

E depois, mais por miúdo, o poeta descreve o papel do sino nos baptizados, nos casamentos, e por fim nos funerais. Descreve de modo perfeito e sugestivo o seu papel nos incêndios: — é talvez a parte mais arrebatadora de todo o hino...

E o poeta mostra-se em tudo crente profundo, cristão deveras.

Ainda que o livro não tivesse senão duas ou três peças deste quilate, já valia imenso.

Continua. J. C. V.

## De Covas

### Impõe-se a revisão dos preços dos transportes

Na linha de Guimarães são precárias as condições dos serviços de transportes, quer se trate de caminho de Ferro, quer de Camionagem, conforme aqui dissemos. A gente desta localidade, distante dois quilómetros da cidade, é servida pelos carros da Empresa Auto-Mondinense.

Ora esta Empresa alterou há pouco as tarifas para passageiros, atribuindo-se uma situação privilegiada. Os preços, que regulavam trinta centavos por quilómetro, passaram para mais de 70 centavos. Os veículos de outra Empresa, que por aqui fazem uma única viagem por semana, cobra à razão de 20

## Desastre mortal

Uma caminheta dos serviços municipais, atropelou, mortalmente, no lugar da Vinha Nova da Cruz, freguesia de Polvoreira, um menor de 3 anos, filho do tecedor João José Pinto e de sua esposa, tendo as autoridades tomado conta da ocorrência.

## Use Gazcidla

centavos por quilómetro; a carreira do Porto, da mesma Mondinense, cobra 25 centavos. Esta disparidade é incompreensível. Reclamamos na devida altura contra este aumento injustificado, bem como os interessados enviaram exposições à Direcção Geral dos Transportes Terrestres — até agora não sabemos as razões por que tal assunto não mereceu a devida atenção, pois esta entidade respondeu com um silêncio absoluto, que equivale a uma negativa.

A camionagem local podia resolver o problema da ligação, entre a cidade e Covas, com proveito para ela e para o público; mas tal não é possível, devido à oposição da C. P. O caso é ainda mais grave devido ao injustificado aumento que as tarifas sofreram este mês. Tal encarecimento não se compreende na linha de Guimarães, onde as passagens já são caras, com a agravante da falta de transportes e de algum material ser incómodo, velho e permanentemente sujo.

Em vez do aumento lembramos à C. P. a conveniência de reformar as primitivas e perigosas carruagens que ainda circulam nesta linha e de melhorar as ligações entre Santo Tirso e Guimarães. Num viagem dentro da mesma freguesia, ou seja de dois quilómetros, que já custava 1\$50 o aumento foi de 20 centavos. Para tão pequeno trajecto — 1\$50 já era demais. Os 20 centavos que lhe foram acrescidos — não se justificam de modo nenhum.

O que é preciso é moderar, não aumentar. Este acréscimo é inexplicável!

### Apelo à Câmara

O sr. dr. José Maria de Castro Ferreira, Presidente da Câmara, pode resolver em parte o problema acima citado, pondo em circulação os prometidos auto-carros — a exemplo da cidade de Braga e de tantas outras.

É isto é do maior interesse para os operários, trabalhadores, estudantes, etc., que exercem, na maioria, a sua actividade na cidade e que não podem deslocar-se com facilidade em virtude do meio de transporte ser insuficiente — e ainda o principal motivo é o elevado custo — não oferecendo dificuldades de maior, tanto mais que a C. P. não pode fazer qualquer oposição à Câmara. Já lá vão uns anos que foram prometidos aos municípios por outro presidente — e até agora, nada!

Confiados na boa vontade do sr. dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, esperamos que tudo se remedeie em breve. — C.

TEIXEIRA & FREITAS, L.ª DA

AGENTES DA

**SACOR e CIDLA**

INSTALAÇÕES PROVISÓRIAS

Rua de Peio Galvão, 12 — Telf. p. f., 4223

Use GAZCIDLA Use GAZCIDLA

**Francisco Joaquim de Freitas Pereira**

Ex-interno da Maternidade dos Hospitais da Universidade da Coimbra

MÉDICO ESPECIALISTA

PARTOS — DOENÇAS DOS RECEM-NASCIDOS

Médico Vacinador (B. C. G.)

ONDAS CURTAS

CONSULTÓRIO: L. 28 de Maio, 22-1.ª Consultas:  
RESIDÊNCIA: Av. Conde Margaride 2.ª, 4.ª e Sábado  
TELEFONE 4550 das 15 às 20 horas

A firma GOMES ALVES, FILHO & C.ª, L.ª, participa que acaba de receber os Rádios da grande marca alemã «GRAETZ», de que se salientam as seguintes inovações:

ANTENA CONDUZIDA // FREQUÊNCIA MODULADA // 4 DIMENSÕES // AUTOMÁTICO PARA FUNCIONAMENTO COM OU SEM SOM TRI-DIMENSIONAL

FACILIDADES DE PAGAMENTO

Máquinas de escrever marca «HERMES»

Aceitamos trocas. Vendemos máquinas usadas a preços baratos.

**GOMES ALVES, FILHO & C.ª, L.ª**

DA SÉRIE DE

**1956**

DA

**TELEFUNKEN**

PIONEIRA DA RÁDIO

JÁ CHEGOU A PORTUGAL 425

O MODELO POPULAR

CASA DAS NOVIDADES — GUIMARÃES

Tudo para electricidade e máquinas. Montadores electricistas especializados

**J. MONTENEGRO**

ELECTROTECNIA E MÁQUINAS (E. I. I. D. H. e I. I. P.)

Montagens eléctricas de alta e baixa tensão. Bobinagens. Responsabilidades técnicas por instalações industriais. Projectos para montagens e licenciamentos. Empreitadas gerais de electricidade.

Largo 28 de Maio, 78-1.ª — Tel. 4510

**GUIMARÃES** 408

Montagens nos concelhos de Guimarães, Braga, Fafe, Famalicão e Santo Tirso

# DESPORTO

## ÉPOCA NOVA

Inicia-se hoje a nova época de futebol. Um sem número de esperanças revivem no desejo de voltar a alcançar aquele lugar que briosamente se ocupou durante mais duma dezena de anos e donde se foi afastado por motivos que transcendem a regularidade da luta desportiva.

Os esforços da Direcção do Vitória, a quem foi dada ajuda por parte da população do concelho, como nunca em outra emergência acontecera, são a promessa de que se há-de alcançar tudo aquilo que sinceramente se ambiciona.

A Direcção do Vitória, com a ajuda da sua Comissão Angariadora de Fundos, conseguiu um quantitativo que lhe permitiu a aquisição de determinados reforços que vêm equilibrar o conjunto da equipa em determinados pontos que se entendiam vulneráveis. Os jogadores Rosato (ex-Sp. da Covilhã); Rinaldi (ex-Atlético); Bengé (ex-Montijo); Virgílio (ex-Tirsense); Salgado (ex-Costa da Caparica) e Ernesto, vindo do Brasil e, possivelmente, ainda um jogador ultramarino, constituem os reforços da equipa vimaranense.

A estes valores se junta a orientação técnica de Fernando Vaz, em nossa opinião ponto fundamental para a eficiência da equipa. Treinador suficientemente conhecido, com provas dadas em Clubes dos mais representativos do País e ainda na selecção nacional, onde ocupou até, na época passada, o lugar de seleccionador único.

Tudo isto se conjuga, cremos nós, para esperarmos do Vitória uma época, onde alcance aquilo que é desejo de todos os vimaranenses. O campeonato nacional da II Divisão é uma prova essencialmente difícil, que obriga a um esforço deveras desmedido. São trinta e seis jogos para aqueles que alcancem a poule de apuramento para o ingresso na Divisão Maior. O mesmo desejo não anima somente o clube vimaranense, ou-

tros, como ele, têm-no como primeiro dos anseios e, do mesmo modo, assim se vão esforçar para alcançar o mesmo fim.

Por isso, neste nosso primeiro comentário sobre a época de futebol que se inicia, manifestamos aqui a todos o desejo da compreensão das realidades da prova que o Vitória vai disputar. A ajuda de todos os seus adeptos é fundamental para o alcance do lugar de onde saímos no final da época passada. A prova é longa, permite recuperações e assim, às vezes um mau resultado, imprevisível, pode ser recuperado num jogo seguinte. Mas isso só se consegue se o apoio moral à equipa for permanente e não prejudicado por comentários que se afastem das exactas realidades.

Neste início de época aqui apresentamos os nossos desejos de felicidade à equipa do clube vimaranense, com a confiança no seu valor e na orientação daqueles que têm essa responsabilidade sobre si.

A primeira jornada da zona norte do campeonato da II Divisão, comporta os jogos seguintes: Salgueiros-Guimarães; Gil Vicente-Peniche; União de Coimbra-Espinho; Vizeu-Leixões; Sanjoanense-Chaves; Tirsense-Leões de Santarém e Boavista-Vianense.

Assim o Vitória desloca-se ao Porto, ao campo duma daquelas equipas que mais se apetrechou para a disputa desta prova. É um jogo de contingente resultado neste princípio de época, onde as equipas ainda não estão devidamente adiantadas na sua preparação.

Sendo o Salgueiros uma das mais tradicionais colectividades do desporto nortenho, esperamos que o encontro decorra dentro daquele espírito de compreensão desportiva que deve ser apanágio de todos aqueles que labutam nesta causa.

Arbitra o encontro, que se disputa às 15,30 horas, o sr. Mário Garcia, de Aveiro.

L. R.

### Campeonato do Minho de Hoquei em Patins

Por se encontrar ausente desta cidade o nosso colaborador encarregado desta rubrica não temos, com a regularidade costumada, dado o devido realce à disputa deste torneio.

A equipa vimaranense tem alcançado uma série de resultados vitoriosos que lhe permitem ser a mais cotada candidata ao título regional. Demonstrando progressos evidentes e praticando já um hoquei de relativa categoria, a sua superioridade tem sido tal que neste momento, faltando-lhe somente um jogo para a prova, tem somente também uma derrota. Ainda no último domingo no Rink das Taipas alcançou, contra a equipa local, um resultado convincente de 7-3.

No momento em que escrevemos ainda não se sabe quando se disputará o jogo que falta, mas um simples empate nele é o suficiente para se alcançar o título.

Finda esta prova dedicar-lhe-emos os comentários que merece, dando às actuações da equipa do Vitória o realce de que é indiscutivelmente credora.

### Futebol particular

Com o espírito de verdadeira compreensão de como deve ser a camaradagem desportiva regional, o Vitória colaborou, no passado domingo, na festa do jogador Abel, do Sporting de Braga.

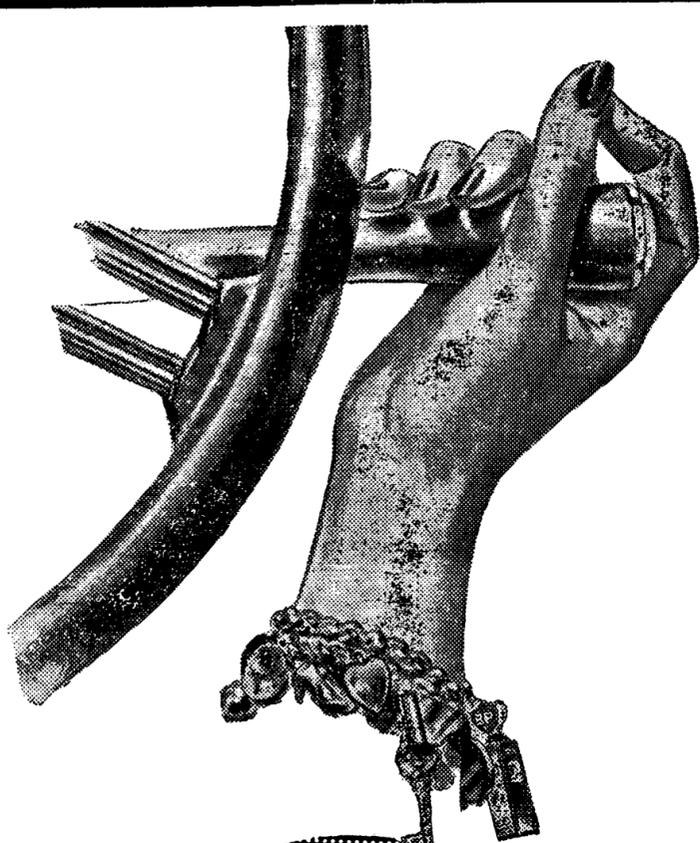
Assim a equipa vimaranense jogou no Estádio 28 de Maio, em encontros de sessenta minutos, pri-

meiramente com o Sporting de Fafe, que venceu por 3-0 e, depois, com o Sporting de Braga, onde saiu vencido por 2-1. Tanto no primeiro encontro como no segundo, mas principalmente neste, os vimaranenses exibiram-se agradavelmente, apresentando já algumas das suas novas aquisições e, se não fosse a deficiente arbitragem de João do Vale, talvez o resultado do encontro final tivesse sido diferente. Mas isso fundamentalmente não interessava, pois o que se desejava era ajudar a proporcionar a Abel aquele benefício que tinha em vista.

### Use Gazcidla



— Está?!... Daqui fala António Correia Pinto, da Rua de S. Dâmaso, n.º 4, com quem V. Ex.ª há dias conversou, acerca da instalação da água. E também informo que sou especializado em montagem de bombas e grupos de tirar água, assim como me encarrego do fabrico e reparação em fogões de qualquer espécie, e instalações canalizadas para quartos de banho. Além disso, tenho fundição de metais e oficina de funilaria.



Como chegou o Verão, vamos mudar o tipo de óleo; mas dê-me daquele que é 5 VEZES REFINADO.

Sim, minha senhora, trata-se do

**BP ENERGOL MOTOR OIL**

COMPANHIA PORTUGUESA DOS PETRÓLEOS BP

9

### AVELINO FARIA GUIMARÃES

#### Agradecimento

Sua família procurou agradecer a todas as pessoas que a acompanharam no seu grande desgosto e prestaram ao querido morto as suas homenagens, mas reaceando ter cometido, involuntariamente embora, qualquer falta, vem repará-la, por este meio, protestando publicamente a todos os que a honraram com a sua amizade, a sua inelével gratidão.

Guimarães, 31 de Agosto de 1955.

425 A FAMÍLIA.

### Ofertas e Procura

#### MORADIA na Avenida Conde Margaride VENDE-SE

Escritório, sala de estar, sala de jantar, copa, cozinha e 6 quartos; 2 quartos de banho, quarto de brunir, armários, dispensa e garrafeira. Garagem, outros anexos e quintal.

Tratar na SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES GUIMAR, L.ª — Avenida Conde Margaride — GUIMARÃES. 405

Vendem-se dois contínuos com motor acoplado de 324 fusos cada, que podem ser adoptados a torcedores.

Nesta redacção se informa. 421

VENDE-SE um prédio no lugar do Salgueiral — próximo da Fábrica do Castanheiro. Bom juízo de capital. Tratar com o Mestre de Obras José da Costa. Covas — Guimarães. 422

Vende-se Móveis e peças de mobiliário, por motivo de retirada. Nesta redacção se informa. 426

Costureira Com conhecimento e prática de corte, precisa-se para fábrica de malhas. Esta redacção informa. 436

#### BICICLETA MOTORIZADA MAGNEET

A última palavra em ciclomotores Equipada com motor SACHS

238 T. Mendes Simões Av. C. de Margaride — Stand n.º 2

#### Jerónimo Assunção Ferreira

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS DE QUALQUER GÉNERO

VENDA DE MATERIAL ORÇAMENTOS GRÁTIS

RUA DA RAINHA D. MARIA II — TEL. 4204 (favor) GUIMARÃES 375

#### SOFRE DOS CALOS?

Não perca tempo e dinheiro com deslocações a outras terras para os tratar! Trate-os em Guimarães, no Largo Condessa do Juncal, 27-1.º. Telefone 40471. 307

Deseja um vinho puro e com garantia?

Beba Tinto Carvalhal ou Casal da Ufe

Vinhos verdes de mesa em garração.

Depósito: 372 R. D. João I, 42-44 ENTREGAS AO DOMICÍLIO

#### FIBRA ARTIFICIAL



Agentes-Depositários

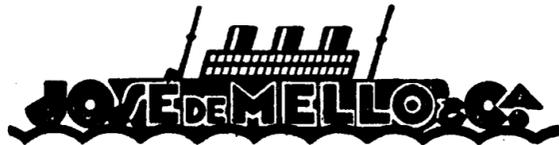
WANDSCHNEIDER & C.ª, L.ª

R. Cândido dos Reis, 74-2.º

TELEF. Est. 17 Comp. 21 404 PORTO 406

#### Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



S U C E S S O R A

Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIO: Rua Nova da Alfândega n.º 67 — PORTO Telefones: 21073 e 21074 — Est. 57

ARMAZÉM EM MATOSINHOS 17 Telef. Mat. 647

#### Automobilistas

A Agência de Contribuintes Gomes Alves trata de todos os assuntos que digam respeito à legalização de documentos de automóveis, como seja transferências de possuidores, mudanças de residências, documentos para exames, etc.

Não se esqueçam todos os que conduzem, que ao prefazerem 35, 50, 60 ou 70 anos de idade têm de renovar as suas cartas, munindo-se de Atestado passado pelo Delegado de Saúde até ao dia 25 do mês anterior em que fizerem anos!

#### Vende-se TRANSFORMADOR para posto de transformação

De 65 KVA, trifásio para as tensões 15.000 e 13.000 / 400 / 251 volts, em banho de óleo, da marca inglesa «DAVENSET», em bom estado de conservação, pouco uso, podendo ser visto em funcionamento.

Informa: 427

J. MONTENEGRO, Telef. 4510 — GUIMARÃES

Assinal o NOTÍCIAS DE GUIMARÃES

### Compre de repente e pague suavemente...

a 20\$00 semanais

O SEU RÁDIO RECEPTOR

das MARCAS:

PHILIPS-SIERA-GRUNDIG-PHILCO-TONFUNK-SCHAUB

com garantia total e representadas por:

A. GOUVEIA

Av. Conde de Margaride — Stands 3 e 4 — Guimarães

ELECTROLANDIA

Largo do Toural — Guimarães

155